

DISPUTAS, TENSÕES E RELAÇÕES DE PODER NA ELABORAÇÃO DE UMA EXPOSIÇÃO

DISPUTES, TENSIONS AND POWER RELATIONS IN THE PREPARATION OF AN EXHIBITION

Marcus Soares

Museu da Vida Fiocruz – Fundação Oswaldo Cruz
marcuspinto.soares@fiocruz.br

Sandra Escovedo Selles

Faculdade de Educação – Universidade Federal Fluminense
escovedoselles@gmail.com

Martha marandino

Faculdade de Educação – Universidade de São Paulo
marmaran@usp.br

Resumo

Neste trabalho, buscamos compreender como ocorreu a seleção de conteúdos, as relações de poder, disputas e tensões que aconteceram na organização dos grupos de trabalho que deram início à concepção da exposição intitulada “Biodiversidade: conhecer para preservar”, do Museu de Zoologia da Universidade de São Paulo. Para tal, dialogamos com o referencial teórico advindo do trabalho de Basil Bernstein. A produção de dados deste trabalho utilizou-se de fontes documentais, entrevistas e imersão no espaço museal estudado. Foi possível identificar que a narrativa expositiva é fruto de uma intensa negociação onde determinados atores exercem maior poder do que outros e que determinados discursos institucionais, científicos ou discursos de uma área específica do campo museal estão presentes na referida narrativa. Observamos contextos em que a seleção e a organização de conteúdos e objetos musealizados expressam disputas de poder e objetivos de aprendizagem, de comunicação e de formação.

Palavras chave: exposição, museu de história natural, educação museal, educação não formal.

Abstract

In this work, we seek to understand how the selection of content, the power relations, disputes and tensions that took place in the organization of the working groups that started the conception of the exhibition entitled "Biodiversity: knowing to preserve", from the Museum of Zoology of the University from Sao Paulo. To this end, we dialogue with the theoretical

framework arising from the work of Basil Bernstein. The production of data for this work used documentary sources, interviews and immersion in the museum space studied. It was possible to identify that the expository narrative is the result of an intense negotiation where certain actors exercise greater power than others and that certain institutional, scientific discourses or discourses from a specific area of the museum field are present in that narrative. We observe contexts in which the selection and organization of museum contents and objects express power struggles and learning, communication and training objectives.

Keywords: exhibition, natural history museum, expositive discourse, museum education, non-formal education.

Introdução

Museus, enquanto espaços educativos, têm um forte potencial para promover processos de ensino e aprendizagem, especialmente por meio de suas exposições. Estudos vêm apontando que instâncias do Estado, demandas internas ou externas à instituição, incluindo àquelas advindas da sociedade, determinam e influenciam os temas e as formas de expor nesses locais (MORTENSEN, 2010; ACHIAM e MARANDINO, 2015). De maneira geral, em muitos museus, durante o processo de elaboração de uma nova exposição, diversos profissionais (arquitetos, cientistas, museólogos, educadores, designers, dentre outros) atuam em conjunto para que um determinado tema seja apresentado. Nesse sentido, considera-se que as exposições são frutos de intensas negociações entre diferentes grupos, sujeitos e saberes.

Assim, podemos afirmar que uma exposição, ao ser pensada e concebida, em qualquer momento de sua trajetória, carrega uma intencionalidade – a ser entendida de modo dialógico e histórico – dos que a produzem. Ao selecionar determinados textos, imagens, objetos e mídias para a construção do discurso expositivo, os profissionais envolvidos buscam, em um repertório de concepções e práticas já tecidas, orientar o olhar dos visitantes e direcionar os sentidos pretendidos.

Os museus de história natural possuem características particulares quando comparados a outras tipologias museais. Em geral, a forma com que as suas coleções são obtidas, organizadas, salvaguardadas e estudadas e como são utilizadas nas exposições se relacionam diretamente com a natureza dos objetos e a produção de conhecimento das ciências naturais feita na instituição. Os museus de História Natural também atuam como fórum para a extroversão e o debate de questões contemporâneas, além de produzirem e divulgarem grandes resultados científicos gerados no seu interior (CARLINS, 2015). Por meio do discurso expositivo, os museus podem divulgar ideias científicas, promover a compreensão de como as ciências naturais se desenvolvem - a natureza da ciência - e, ainda, provocar a reflexão sobre as complexas relações entre ciência e sociedade (PEDRETTI, 2002; MARANDINO et al, 2009).

Neste trabalho, interessou-nos compreender como ocorreram os processos de seleção de conteúdos, as relações de poder, disputas e tensões que aconteceram na organização dos grupos de trabalho que se reuniram para dar início à concepção da exposição intitulada “Biodiversidade: conhecer para preservar”, do Museu de Zoologia da Universidade de São Paulo (MZUSP). Para Achiam e Marandino (2013), esforços devem ser feitos para compreender o processo de produção de uma exposição, visto que as informações científicas

vinculadas a elas estão permeadas pelos interesses, saberes e ideologias de seus agentes. Seguindo essa linha argumentativa, lançamos mão de autores filiados às teorias críticas do currículo, especialmente do trabalho de Basil Bernstein e o conceito de Dispositivo Pedagógico, do referido autor.

Um breve diálogo com as teorias críticas

Moreira e Silva (2002), destacam que o currículo não é um produto educacional neutro em seu papel de transmissão desinteressada de conhecimento e, sim um artefato social e cultural, pois, já deixou de ser há muito tempo “uma área meramente técnica, voltada para questões relativas a procedimentos, técnicas e métodos” para o ensino. Nessa mesma linha de pensamento, Silva (1999) indica que o currículo é sempre o resultado de disputas por uma seleção de determinados conhecimentos e saberes e, as teorias curriculares, a partir destas definições, “buscam justificar por que esse conhecimento e não aqueles devem ser selecionados” (p. 15).

Moreira e Candau (2007), trazem reflexões importantes sobre as relações entre cultura, diversidade cultural e currículo. Para os autores, o currículo pode ser entendido como uma seleção da cultura dentre várias possibilidades e um complexo de práticas sociais que produzem significados, fixando alguns e silenciando outros. Desta forma, é nos currículos que os grupos dominantes em uma sociedade idealizam seus projetos sociais. Se no currículo é onde se manifestam as disputas por preservação de determinada cultura dominante, em detrimento de outras que estão subalternizadas, perpetuando assim as divisões sociais, devemos entendê-lo como um espaço de tensões, enfrentamentos e disputas.

Para as teorias críticas do currículo, o fundamental não era saber “o que?” ensinar na escola, mas sim, o “porquê” selecionar certo conhecimento em detrimento de outro? Quais interesses na seleção de um determinado conhecimento? Que tipo de identidade quer se formar a partir destas seleções? O currículo é visto como aparato de seleção e organização do conhecimento e que representa a distribuição de poder e a estratificação de classes em uma sociedade. As relações de poder que se instauram na conformação do currículo estão associadas com a ideia de que o conhecimento presente no currículo é um entre vários possíveis e que a seleção, a organização e a avaliação destes conhecimentos representam os interesses de determinados grupos ou instituições dominantes a partir de disputas que ocorrem continuamente em sua elaboração. Vale ressaltar que o fato de o currículo estar permeado por relações de poder não significa que estas relações são claras e reconhecidas facilmente.

Pensar a produção de exposições em museus e as relações de poder na formação do discurso expositivo pressupõem um investimento que se ocupe mais especificamente dos tensionamentos e das disputas que ocorrem entre os diferentes agentes internos da comunicação pedagógica de uma exposição, as quais interferem no discurso que será apresentado ao público. As exposições se caracterizam como um espaço de formação humana, onde se materializam as seleções e as escolhas de determinados conhecimentos e práticas, evidenciando uma classe das relações de poder no interior dessas instituições. Adotar diretamente os estudos de currículo e suas tradições teóricas no interior das instituições museais ainda é um desafio na área da educação em museus, visto que se tratam de instituições com finalidades sociais e culturais distintas, inscritas em trajetórias nem sempre comparáveis. Além disso, poucos são os trabalhos que adotam esse referencial em pesquisas da área, ampliando o desafio para as pesquisas que mobilizam teóricos que discorrem sobre essas problemáticas.

Nesse sentido, busca-se apoio no trabalho desenvolvido por Basil Bernstein, principalmente, o conceito de Dispositivo Pedagógico, que permite analisar não só o ponto de partida do processo de elaboração da exposição e seu resultado, mas também a trajetória de seu desenvolvimento, suas

arenas de disputa, seus processos de negociação, sua estrutura de poder e controle na criação da exposição, segundo apontam diferentes autores (MARANDINO, 2015; SOUZA, 2017).

O dispositivo pedagógico

Bernstein (1998), considerava que a comunicação pedagógica era “transmissora de mensagens ideológicas e de relações de poder” (p. 54) e, por conta disso, estava preocupado em como a comunicação pedagógica era realizada e em investigar a constituição do processo de comunicação. Para entender como essa transmissão acontecia, ele criou “um modelo para analisar o processo pelo qual uma disciplina ou um campo específico de conhecimento é transformado ou “pedagogizado” para constituir o conhecimento escolar, o currículo, conteúdos e relações a serem transmitidas” (MAINARDES e STREMELE, 2010, p.11). Esse modelo ele denominou de *Dispositivo Pedagógico* (DP).

Bernstein (1998) traz como contribuição para uma análise sociológica das diferentes práticas pedagógicas o conceito de dispositivo pedagógico. Para ele, o dispositivo pode ser utilizado em diferentes contextos nos quais ocorre uma relação pedagógica e que esse dispositivo “é central na produção, reprodução e transformação da cultura” (BERNSTEIN, 1998, p.101).

Para o autor (1998) o DP possui regras específicas que o regem e, estas atuam em três contextos distintos. *Primário* é onde ocorre a geração do discurso, *Recontextualizador* que opera na regulação da circulação dos textos e práticas entre o contexto de produção e reprodução do discurso e, *Secundário* onde ocorre a reprodução seletiva do discurso pedagógico. Neste trabalho iremos investir no contexto recontextualizador onde operam os agentes e agências que irão definir o que e como será apresentado determinado conteúdo. Para Bernstein (1996), no contexto recontextualizador é onde se define como será o discurso pedagógico oficial que estabelece quais conhecimentos e conteúdos específicos que serão trabalhados, além de determinar as práticas pedagógicas reguladoras que devem compor o currículo de determinada área do conhecimento e, onde ocorre a passagem do discurso de um contexto de produção para um contexto de reprodução. Ou seja, atua no processo de recontextualização do conhecimento que é produzido.

Para o autor, o discurso pedagógico é um princípio de recontextualização que se apropria de outros discursos, que são realocados e refocados, criando assim um discurso que não mais se identifica com nenhum dos discursos anteriores (BERNSTEIN, 1998). Nessa perspectiva, observando esta ordem interna de criação, é que consideramos aqui o discurso expositivo similar ao que o autor considera como discurso pedagógico. Nesse sentido, Bernstein nos ajudará a reconhecer a partir da produção de dados desta pesquisa os discursos que foram realocados e refocados na elaboração da exposição.

Ao observar a reestruturação e a recontextualização de determinados discursos, espera-se compreender como ocorreram as relações de poder, disputas e tensões que desenrolam-se durante o processo inicial de organização dos grupos de trabalho que participaram da concepção da exposição permanente: “Biodiversidade: conhecer para preservar”, do Museu de Zoologia da Universidade de São Paulo, um museu com as características de um Museu de História Natural que é vinculado à uma universidade, que possui diferentes especialistas e que participaram do comitê curatorial de uma exposição, um acervo com vastas coleções zoológicas e detentor de uma tradição de pesquisa em sua área de atuação. Essas relações de poder podem se materializar em níveis individuais, de grupos ou de discursos.

Caminhos metodológicos

Para a produção de dados do presente trabalho utilizou-se de fontes documentais, depoimentos orais e imersão no espaço museal estudado. Foram realizadas entrevistas com os sujeitos responsáveis pela concepção e execução da exposição, análise de dados documentais disponíveis sobre a exposição e uma detalhada observação e descrição da exposição estudada.

Anteriormente às entrevistas, foi elaborado um questionário semiestruturado e os documentos impressos analisados foram disponibilizados pela equipe da Divisão de Difusão Cultural (DDC) do MZUSP. Os participantes entrevistados para esta pesquisa estiveram presentes no processo de concepção da exposição e fizeram parte dos comitês (ou grupos de trabalho) que foram criados para uma melhor divisão de tarefas e, assim, dar melhor fluidez na operacionalização da concepção e da montagem da ação educativa de longa duração do MZUSP.

Cada participante da entrevista, por uma questão de manutenção do anonimato, foi identificado pela letra “MZ” seguida de um número. Todos assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE, para esta pesquisa. Todas as entrevistas foram gravadas em áudio, tiveram a duração média de uma hora e meia e, posteriormente, foram transcritas e organizadas, a partir dos objetivos da pesquisa, produzindo, assim, material para a análise das falas.

Em relação aos documentos analisados, tivemos acesso somente aos registros das quatro primeiras reuniões do grande comitê curatorial, em que estiveram presentes representantes de quase todos os laboratórios que compõem a Divisão Científica, membros da DDC, representantes dos alunos da pós-graduação e do setor administrativo. Estes documentos possibilitaram identificar o processo de construção da narrativa expositiva, a definição dos módulos, os conceitos principais de cada módulo, a escolha do nome da exposição e quais são os objetos das coleções e acervos do museu que estiveram disponíveis para compor a narrativa expositiva.

Também fez parte do material empírico para este trabalho, o memorial descritivo que fornecia detalhes sobre a exposição e que alicerçava o edital de licitação para a contratação de uma empresa especializada em projetos museográficos, bem como uma apresentação, em PDF, sobre a nova exposição do MZUSP que explica o processo de elaboração da mesma. Esses documentos foram importantes para compreender a maneira como ocorreram as decisões por parte dos agentes envolvidos na elaboração da exposição e as influências que os diferentes atores, acervos e coleções tiveram no processo de elaboração da exposição “Biodiversidade: conhecer para preservar”.

As disputas, tensões e relações de poder.

Para a elaboração da exposição de longa duração “Biodiversidade: conhecer para preservar”, do MZUSP, a equipe da Divisão de Difusão Cultural – DDC, responsável por liderar o processo de elaboração da nova exposição, considerou que era necessário envolver todos os diferentes segmentos de profissionais do museu (docentes, técnicos de laboratório, técnicos administrativos e alunos) na etapa de concepção. No entanto, havia a necessidade de achar uma estratégia que conseguisse envolver esses diferentes segmentos. Apesar de possuir os recursos dos editais e ter a possibilidade de contratar uma empresa que faria todo o processo de gestão de elaboração da nova exposição, o chefe da DDC considerou que era necessário ter o museu como um ator participativo na elaboração da exposição.

Desta maneira, para o planejamento das reuniões que objetivava ouvir todas as unidades do MZUSP e buscar consenso entre elas, a DDC adaptou uma metodologia de uma empresa especializada em desenvolver projetos de natureza museológica no âmbito social, cultural,

científico, tecnológico e do meio ambiente, a Expomus. Foi a partir dessa metodologia que o chefe da DDC (MZ1) e a chefe da museologia (MZ2) iniciaram a organização das reuniões para discutir a concepção da nova exposição de longa duração do MZUSP. Os responsáveis por esses encontros convidaram representantes de todos os laboratórios que compunham a Divisão Científica (DC), representantes do setor administrativo e, também, dos discentes do MZUSP para formar um grande comitê curatorial.

Para estas reuniões a dinâmica era a distribuição de roteiros com perguntas que foram elaboradas pela equipe da DDC e que correspondia com a realidade do MZUSP. Estes roteiros eram disponibilizados um mês antes de cada reunião e respondidos pelos membros do comitê curatorial. Depois de preenchidos, os roteiros eram enviados para a equipa da DDC, onde MZ1 e MZ2 sistematizavam as respostas em um único documento e, apresentava no dia do encontro a compilação das respostas ao comitê curatorial, que juntos, definiam os caminhos a seguir. As reuniões foram divididas em 4 momentos: (i) retrospectiva da reunião anterior; (ii) apresentação das propostas elaboradas a partir do roteiro preenchido (iii) discussão e organização das ideias e de consensos e; (iv) a apresentação dos roteiros para a próxima reunião.

Ao falar sobre a ideia de montar um comitê curatorial, MZ1 disse que este grupo tinha como objetivo principal funcionar como um elo entre os laboratórios e os grupos de trabalho futuramente constituídos.

Então, a gente queria que tivessem todos os representantes de várias categorias, funcionais, alunos e os diversos laboratórios. Os laboratórios eram fundamentais, porque a gente nunca imaginou que faria sentido falar qualquer coisa na nossa galeria, que não tivesse vinculada ao nosso acervo e à nossa pesquisa. Então, desde o início, obviamente, porque assim, eu trabalho também com narrativas de museus de história natural, sou vice-presidente (organização internacional de museus), viajo à beça, eu entendo a força, o potencial que os acervos, as coleções e a pesquisa têm (MZ1).

Na fala de MZ1, destacam-se dois aspectos importantes que expõem relações de poder. O primeiro está relacionado com o papel do acervo e da pesquisa realizada pelo museu, sendo estes elementos centrais para se pensar no discurso expositivo. Essas características são marcas permanentes nos museus de História Natural, que buscam valorizar seu extenso e eclético acervo, disponibilizando parte dele para a exposição (LANDIM, 2011; SOLER, 2015). O segundo tem relação com a formação acadêmica e o envolvimento de MZ1 na vice-presidência de um dos comitês, do Conselho Internacional de Museus e que promove um contato com práticas profissionais e conhecimentos específicos à área dos museus de História Natural, permitindo entender o *como* e o *porquê* ocorre a valoração do conhecimento acadêmico produzido no MZUSP.

Após a primeira reunião quando foi apresentada a dinâmica dos encontros, começaram a acontecer as reuniões de discussão da nova exposição. Nessas reuniões, foram debatidos os grandes temas que deveriam compor a narrativa da exposição, os públicos prioritários, os valores institucionais que deveriam estar representados na narrativa, quais coleções os laboratórios poderiam disponibilizar para a exposição, entre outros. Para a segunda reunião – atividade 1 – o roteiro distribuído possuía 06 perguntas. Para ilustrar a organização empreendida pelo pessoal da DDC à resposta dada pelos participantes para a questão 3 do referido roteiro, deixamos um exemplo do resultado da compilação feita pela Divisão de Difusão Cultural, no Quadro 1. Na coluna da esquerda está a pergunta e, na coluna da direita está a reunião das respostas.

Quadro 1- Quadro-síntese da atividade 1, construído pelo autor a partir da resposta à pergunta 3 feita no roteiro. Compilado pela equipe da DDC após a primeira reunião com o comitê curatorial

Atividade 1 realizada com o comitê curatorial	
Pergunta	Síntese feita pela equipe da DDC
<p>3. <i>Quais ideias (conceitos) deverão contribuir para a comunicação desta mensagem?</i></p>	<ul style="list-style-type: none"> - Biodiversidade: demonstração da megadiversidade; definição de; limites do conhecimento sobre; nos biomas; Neotropical; taxonomia; origem da; obs: o ser humano no contexto da - Evolução: princípio unificador; definição da; perspectiva ecológica da; vicariância; conceito de espécie; conceitos relacionados; processo seletivo; dinâmica no tempo e espaço; como processo; biologia comparada; - Conservação: razões para; ações para; comparação do presente com o passado; impactos na qualidade de vida; políticas para acervo e ambientes naturais; - Contextualização do ser humano: impactos causados; problemas com habitats; poluição. <p>Esses dois últimos refletem uma perspectiva institucional:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Acervo: como evidência material; natureza do; técnicas de salvaguarda; fonte de conhecimento; comunicação por meio do; curadoria; importância dos museus - Pesquisa: contribuição para conhecimento e conservação;

Fonte: documentos disponibilizados pela Divisão de Difusão Cultural

O quadro apresentado permite entender de que forma operava a equipe de organização das reuniões nos dias posteriores às atividades. No entanto, pode-se perceber, a partir do quadro-síntese, que esse comitê curatorial e, posteriormente, os membros da equipe da DDC iniciaram alguns processos de seleção e definição de conteúdos e conceitos que foram basilares para o discurso expositivo final. O conhecimento científico ganhou protagonismo na primeira reunião, em que temas como Evolução, Biodiversidade e Conservação ganharam destaque.

Do primeiro ao último encontro que foi possível acessar via documentos disponibilizados, o número de participantes diminuiu consideravelmente. Para uma das entrevistadas (MZ3), muitos se afastaram do processo decisório porque algumas de suas sugestões não eram bem aceitas pelo comitê ou mesmo pelos responsáveis por coordenar as reuniões (DDC). Em alguns casos, curadores davam sugestões para a exposição, mas no processo de mediação junto ao comitê, havia ponderações sobre a possibilidade de executar a proposta feita. Com isso, muitos acabaram se afastando das discussões ou por não se sentirem satisfeitos com as discussões e, outros por questões de agenda. Em alguns momentos, houve a necessidade dos organizadores do processo de elaboração da exposição em dar continuidade às discussões, gerando tensões nos responsáveis pela liderança do processo, conforme afirma MZ2.

[...]como eu disse, tivemos uma flutuação nesse processo de participação, então, no começo tivemos uma participação ampla, o comitê foi diminuindo ao longo do processo. Então, muitos se ausentavam, não participavam, não encaminhavam as suas contribuições, e tínhamos que avançar e, em alguns momentos, tentávamos aguardar e, em outros, quando percebíamos que a coisa não avançava, precisávamos continuar. (MZ2)

O não-comparecimento de membros do comitê curatorial nas reuniões revela, em certa medida, a liderança e, conseqüentemente, a autoridade da DDC frente ao processo. Depoimentos de outros sujeitos entrevistados demonstram como ocorreram o processo de gestão e as relações

de poder que permeavam as discussões. Alguns entrevistados reconheceram nos sujeitos MZ1 e MZ2 uma governança de todo o processo de concepção. Há falas ilustrativas sobre esse papel de liderança e sobre como a DDC assumiu o processo de mediação, necessário em um processo longo e com diferentes atores. O próprio entrevistado MZ2 reconhece que havia a necessidade de se “tomar a rédea” da organização durante o processo de discussões que aconteciam nas reuniões. Havia pontos que precisavam de objetividade e avaliações mais específicas.

Houve também reuniões depois, pra discussão desses conteúdos[...] e lá eles discutiam o que que eles queriam falar, o que que eles queriam fazer, [...] Mas, assim, eu acho que o que ia ser escolhido mesmo era a MZ1 e o MZ2. (MZ4).

Em geral, agora, essa avaliação, em geral, era uma construção eu e a MZ1. Então, nós sentávamos, nós fazíamos uma reunião conjunta, uma avaliação da reunião do dia, primeiro com equipe e depois, nós normalmente nos reuníamos para fazer uma nova avaliação. (MZ2)

Nos relatos acima constata-se que alguns agentes principais atuam definindo qual e como será exposto determinado conteúdo. Essa relação de poder e controle entre os diferentes atores está relacionada, segundo Bernstein (1996), com a divisão social de trabalho que os diferentes sujeitos ocupam no contexto de produção. Essas relações de poder são traduzidas por meio dos vínculos sociais entre esses atores. Marandino (2105) afirma que decisões políticas e de gestão são definidoras para decidir quem detem voz ou não na hora de criar o discurso expositivo. Processo semelhante foi identificado por Souza (2107) quando encontrou na exposição “Estufa do Cerrado”, do Jardim Botânico de São Paulo, a presença de dois pesquisadores da instituição estudada por ela, como os responsáveis pelas decisões finais que estavam relacionadas com a escolha e a seleção de conteúdos, mesmo tendo um ambiente de diálogo para tomada de decisões.

A escolha do grande tema da exposição aconteceu durante as reuniões preparatórias e esse assunto foi um dos destaques que fez parte das atividades junto ao comitê curatorial. Na primeira atividade com esse comitê, havia a pergunta: *qual a principal mensagem que o visitante deverá levar consigo ao sair da exposição?* Todos os participantes citaram que a “Biodiversidade” era a principal mensagem que o visitante deveria saber ao realizar a visita na nova exposição de longa duração do MZUSP. O segundo maior tema que apareceu nas citações dos curadores foi “Evolução”, seguida por “Contextualização do ser humano” e “Conservação”, “Acervo” e “Pesquisa”. No entanto, na compilação feita pela DDC houve um processo de realocar o discurso dos representantes do comitê, visto que todos os temas ganharam igualdade no texto que se encontra no quadro abaixo. (Quadro 2).

Quadro 2 - Quadro-síntese construído pelo autor a partir das respostas às perguntas 2 feitas nos roteiros da atividade 1. Compilado pela equipe da DDC após reunião com o comitê curatorial

Pergunta	Síntese realizada pela DDC a partir das respostas do comitê curatorial
2. <i>Qual a principal mensagem que o visitante deverá levar consigo ao sair da exposição?</i>	O Comitê Curatorial encontrou uma grande convergência nas mensagens sugeridas pelos diversos grupos/ laboratórios. Ou seja, o novo Programa de Comunicação do MZUSP deve privilegiar os grandes temas: Biodiversidade, Evolução, Conservação, Contextualização do ser humano, Acervo e Pesquisa (estes dois últimos refletem uma perspectiva institucional)

Fonte: documentos disponibilizados pela Divisão de Difusão Cultural.

Uma das perguntas do segundo encontro e que ainda mostra uma relação direta com a escolha do tema da exposição, seguia o mesmo modelo das anteriores e se referia às discussões que ocorreram na primeira reunião do comitê curatorial. Nela era questionado *qual conceito vocês consideram como o protagonista e quais seriam os auxiliares na construção de nossa narrativa?* Na síntese realizada para esta pergunta aparece como o conceito protagonista a *Biodiversidade*, seguida por *Pesquisa e Acervo*, na frente de *Evolução e Preservação da natureza*. No entanto, ao analisar o documento disponibilizado pela DDC, verificou-se, através de simples contagem dos conceitos destacados e marcados pela equipe responsável pela organização das reuniões, que o conceito que teve mais citação direta feita pelos curadores foi a *Evolução*. Esta recebeu oito citações diretas como protagonista e duas como auxiliares. Já a *Biodiversidade* recebeu três como protagonista e duas como auxiliares. Nos documentos disponibilizados pelo MZUSP não há menção sobre o motivo pelo qual o conceito de *Biodiversidade* foi escolhido como tema protagonista em detrimento do conceito da *Evolução*.

Ainda no segundo encontro, havia perguntas no roteiro que estavam relacionadas às respostas dadas pelo comitê, no primeiro encontro. Ou seja, as perguntas faziam referência ao resultado obtido na reunião anterior. Destacamos a seguinte: *Com base nas considerações do Comitê Curatorial sobre o item 2 da Atividade 1* (Qual a principal mensagem que o visitante deverá levar consigo ao sair da exposição?) Como você articularia os temas elencados em uma única frase? * consulte a tabela com o resultado da Atividade 1.* Diferentes sentenças foram criadas pelos membros do comitê curatorial, entretanto, a frase que sintetizou o resultado das diferentes visões dos respondentes foi aquela criada pelo representante do setor de Museologia.

É importante salientar, para o melhor entendimento da atuação dos agentes e de como se estabeleceu as relações de forças entre diferentes sujeitos presentes na concepção da exposição, que a frase escolhida foi proposta pela seção de Museologia, que faz parte da Divisão de Difusão Cultural e que coordenava o processo de mediação nas reuniões. A frase em questão foi incluída no Memorial Descritivo que compunha o documento do Edital de Licitação, que objetivava a contratação de empresa para a Elaboração de Programa de Trabalho para Implantação da Nova Exposição de Longa Duração do Museu de Zoologia da USP. O mesmo aconteceu em outra pergunta, do segundo encontro, na qual o que representou a síntese das frases do comitê curatorial, foi, novamente, aquela elaborada pela equipe da Museologia. Esta frase, também, foi base para o Memorial Descritivo do Edital de Licitação e constava no “Por quê – objetivos estratégicos, institucionais, sociais”, do item 1 do referido memorial.

Quando perguntado sobre o motivo pelo qual o tema da *Biodiversidade* foi escolhido, MZ4 considerou que a exposição temporária “*Biodiversidade: fique de olho*”, montada pela DDC antes da atual exposição, teve influência na decisão do tema principal. De certa forma, conceber uma exposição com a mesma temática já refletia o desejo do museu e da equipe da DDC em continuar explorando o conceito. O entrevistado MZ2 também considerou que a *Biodiversidade* é um conceito nuclear no MZUSP e representa de forma particular as pesquisas realizadas pelo conjunto de cientistas do museu ao longo de sua história institucional, e pelo seu extenso acervo zoológico, representados por suas coleções.

Bom, o grande tema gerador é *Biodiversidade*, que é o que, na verdade, está relacionado com a própria vocação do museu no âmbito da pesquisa que o museu desenvolve, ele é diretamente relacionado com estudos, ele fomenta, inclusive, projetos ligados a questões de *Biodiversidade*, então, para nós era muito importante que ela refletisse um pouco do que é a pesquisa e da relevância do seu acervo. (MZ2)

Como já mencionado, outros conceitos foram incorporados à narrativa da exposição e que valorizam as pesquisas do museu de Zoologia. Os conceitos, como Evolução, Conservação, contexto da espécie humana foram citados como importantes para a comunicação do museu com seu público. Nesse caso, esses discursos e o ideário científico que pauta as pesquisas no MZUSP, que se centram na temática da Biodiversidade operam em uma dimensão singular de poder no museu. Eles, por meio dos pesquisadores e, conseqüentemente suas filiações teóricas e políticas, selecionam ou silenciam determinados conteúdos da exposição.

Para a exposição, foram pensadas diferentes abordagens para tratar do tema central da Biodiversidade. Desta forma, o comitê curatorial definiu, a partir do acervo de suas coleções zoológicas e das sugestões que surgiram, a maneira como o museu deveria apresentar os diferentes conceitos da exposição. Sendo assim, o conceito protagonista deu origem a diferentes módulos na exposição. Esses módulos começaram a ser desenhados na terceira reunião com o comitê curatorial. No roteiro apresentado ao comitê curatorial já havia, antecipadamente, a seguinte frase: *sugerimos uma estrutura em 4 Módulos (Introdução + 3)*. A partir da sugestão feita, foram definidos então quatro módulos para a exposição, que são: *Módulo Introdução: O que é Biodiversidade; Módulo 1: Origem e extinções; Módulo 2: Biodiversidade atual em contexto: Biomas brasileiros; Módulo 3: Todos parentes! Todos diferentes!* Para cada módulo havia um pequeno texto que ajudava no entendimento sobre o que aquele módulo iria aprofundar. Vale o destacar que os textos que ajudam a definir os módulos 3 e 4 foram criados pela equipe da Museologia, ou seja, pela equipe da DDC, da qual MZ1 e MZ2 fazem parte.

É possível verificar relações de poder de diferentes dimensões nos exemplos acima. Há uma relação de poder nas escolhas das frases que sintetizam determinadas escolhas no discurso da exposição, sendo esta incluída, inclusive em documento oficial do museu. Uma outra presença de demonstração de força e, simbolicamente de poder, é percebida quando se observa que o conceito principal da exposição é o tema da Biodiversidade. Houve uma escolha pela temática a despeito do resultado apresentado nos roteiros. Pelo depoimento acima e pela própria tradição naturalística do museu em validar e valorizar as pesquisas sobre Biodiversidade que são realizadas na instituição, a temática terminou se impondo. Outra manifestação de poder no processo da exposição é a presença da MZ1 nos processos decisórios e influenciando, mesmo sem impor sua vontade, mas por meio de sua formação, institucionalização e ocupação hierárquica, os rumos da nova exposição.

Considerações finais

Neste trabalho, buscamos compreender as disputas, tensões e relações de poder existentes na concepção da exposição “Biodiversidade: conhecer para preservar, do Museu de Zoologia da USP”. Operamos com o entendimento de que a construção do discurso expositivo se aproxima do modelo de conformação do discurso pedagógico defendido por Bersntein (1996). Para a constituição do discurso expositivo, diferentes instâncias e agentes são reguladoras do *que* e do *como* será o discurso expositivo final, sendo o processo de construção do discurso da exposição, uma arena de disputa na qual relações de poder se estabelecem.

Compreendemos a importância do papel dos museus como centros de memória e de disputas de poder no vasto tecido cultural das diferentes sociedades, sendo possível por meio dos dados coletados, identificar o caráter seletivo de determinada memória, no MZUSP. Esta característica se mostra, especialmente, quando o museu e seus agentes enaltecem suas tradições de pesquisa, suas tradições nas formas de expor e de usar os objetos de seu acervo, oriundos de diferentes coleções zoológicas e na própria temática da exposição. Esse caráter seletivo da memória não é somente de natureza institucional, mas explicita um campo

específico do saber e das práticas museais. O MZUSP enquanto território de memória, parece mesmo cumprir o papel de manter e transmitir determinadas heranças culturais relacionadas aos caminhos da História Natural e da Biologia.

As escolhas realizadas no processo de elaboração da exposição “Biodiversidade: conhecer para preservar”, do MZUSP, demonstram relações de poder, intenções e disputas por discursos que se encontram mais direcionados para determinadas áreas do conhecimento, como a Evolução, por exemplo. Essa intencionalidade ou a não-neutralidade acontece devido ao fato de que as exposições são construções sociais, frutos de processos de negociação entre diferentes sujeitos, conhecimentos e instituições, interesses econômicos e alianças sociais de poder.

Vale destacar o papel da DDC e dos sujeitos que estiveram à frente da organização, de certa forma, contendo essas vozes. Com efeito, estes sujeitos tiveram um maior poder e controle do que seria inserido ou silenciado no discurso expositivo. Estas relações de poder, disputas e tensões podem ser percebidas na materialização do documento que regeu a produção do memorial descritivo da exposição. O discurso expositivo é fruto de uma intensa negociação com diferentes sujeitos e determinados atores exercem maior poder do que outros. Cabe, entretanto, assinalar que não somente sujeitos atuam no campo decisório de concepção da exposição estudada, mas determinados discursos institucionais, científicos ou discursos de uma área específica do campo museal estão presentes na regulação do discurso expositivo. Ou seja, o discurso científico que se expressa nas práticas de pesquisa e que são definidoras do próprio discurso do museu, como instituição de preservação e divulgação da biodiversidade biológica, é um agente de força e expressa uma relação de poder no interior do MZUSP.

Ao entender que as exposições são constituídas a partir de seleções de determinados conteúdos, culturas e práticas sociais com finalidades específicas podemos discutir esse artefato cultural/educativo/comunicacional como um texto que é produzido com diferentes intencionalidades tanto para fixar quanto rejeitar sentidos. Como já dito anteriormente, mas reiterando, nos museus e, no caso específico da exposição do museu aqui estudado, ocorrem tensões e disputas que estão relacionadas à seleção e à organização de conteúdos e objetos musealizados, que expressam relações de poder e, objetivos de aprendizagem, de comunicação e de formação.

Bibliografia

ACHIAM, Marianne; MARANDINO, Martha,. A framework for understanding the conditions of science representation and dissemination in museums. **Museum Management and Curatorship**, (1990) , v.29, p.66 - 82, 2013.

BERNSTEIN, Basil. **A estruturação do discurso pedagógico: classe, códigos e controle**. Petrópolis, RJ : Vozes, 1996.

_____. **Pedagogía, control simbólico e identidad**. Madrid: Morata, Paideia, 1998.

CARLINS, Caroline. L. A Natural Curiosity: evolution in the display of natural history museums. **Journal of Natural Science Collections**. 2. pp. 13-21. 2015.

LANDIM, Maria Isabel. Museu de Zoologia da Universidade de São Paulo: adaptação aos novos tempos. **Estudos Avançados**, 25 (73), 2011.

MAINARDES, Jefferson; STREMEL, Silvana Teoria de Basil Bernstein e algumas de suas contribuições para as pesquisas sobre políticas educacionais e curriculares. **Revista Teias** v. 11 • n. 22 • xxx-yyy • maio/agosto 2010.

MARANDINO, Martha.; FERNANDES, Alessandra B.; MARTINS, Luciana. C.; CHELINI, Maria Julia.; SOUZA, Maria Paula Correia.; SILVEIRA, Rodrigo V. M.; GARCIA, Viviane A. Rachid.; LOURENÇO, Marcia F.; IANNINI, Ana Maria N.; FARES, Djana.; ELAZARI, João L.; SOARES, Marcus.; MÔNACO, Luciana.; BAZAN, Suzana. Sobre qual Biodiversidade as exposições de museus falam? Um estudo de caso no museu de zoologia/USP. In: MARANDINO, M.; ALMEIDA, A. M.; VALENTE, M. E. A. (Orgs.). **Museu: lugar do público**. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2009.

_____. **Análise sociológica da didática museal: os sujeitos pedagógicos e a dinâmica de constituição do discurso expositivo**. Educação e Pesquisa, São Paulo, v.41, n. 3, p. 695-712, jul./set. 2015.

MOREIRA, Antônio Flávio; SILVA, Tomaz Tadeu. Sociologia e Teoria Crítica do currículo: uma introdução. In: MOREIRA, Antônio Flávio; SILVA, Tomaz Tadeu da (orgs.). **Currículo, Cultura e Sociedade**. São Paulo: Cortez, 2002, p.13-47.

_____.; CANDAU, Vera Maria. **Indagações sobre currículo: currículo, conhecimento e cultura**. Brasília: MEC, Secretaria de Educação Básica, 2007.

MORTENSEN, Marianne. **Exhibit engineering: a new research perspective**. 2010. Doctoral Dissertation. Department of Science Education University of Copenhagen, Copenhagen, 2010.

SILVA, Tomaz Tadeu. **O currículo como fetiche**. Belo Horizonte: Autentica, 1999.

SOUZA, Maria Paula Correia **O discurso expositivo sobre biodiversidade e conservação em exposições de imersão**. Tese (Doutorado) Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017.

SOLER, Mariana Galera. **Musealização da zoologia: Narrativas evolutivas construídas com animais**. Dissertação (Mestrado) Programa de Pós-Graduação Interunidades em Museologia. Universidade de São Paulo, 2015.